



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC**  
**TURMA ANDREIA PEREIRA DOS SANTOS**

**HISTÓRIA E DESAFIOS DO AGITPROP NO MST -  
DISTRITO FEDERAL E ENTORNO**

**JANDERSON BARROS DOS SANTOS**

**PLANALTINA – DF**  
**2017**

**JANDERSON BARROS DOS SANTOS**

**HISTÓRIA E DESAFIOS DO AGITPROP NO MST - DISTRITO  
FEDERAL E ENTORNO**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, para requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação em Linguagens.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Me. Felipe Canova Gonçalves

**PLANALTINA – DF  
2017**

**JANDERSON BARROS DOS SANTOS**

**HISTÓRIA E DESAFIOS DO AGITPROP NO MST - DISTRITO  
FEDERAL E ENTORNO**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, para requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação em Linguagens.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/2017.

**Banca Examinadora:**

---

Profº. Me. Felipe Canova Gonçalves (UnB/FUP) – Orientador

---

Profº. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas (UnB/FUP) – Membro interno

---

Profº. Dr. Marco Antonio Baratto Ribeiro da Silva (UnB) – Membro externo

**PLANALTINA – DF  
2017**

*Dedico este trabalho primeiramente ao MST DF,  
pois é parte fundamental para a existência dessa pesquisa.  
À minha família, em nome de minha mãe Maria da Glória,  
que é educadora em escola de assentamento  
e sempre “puxou minhas orelhas” e me deu toda força.  
Dedico também a toda Militância do MST DF, em especial as companheiras Adriana  
Gomes, Adriana Fernandes e Barbara Loureiro, que me deram força e inspiração.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Rafael Litvin Villas Boas e ao companheiro de militância Marco Antônio Barato que toparam a tarefa de compor a banca de defesa desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço ao professor Felipe Canova Gonçalves que aceitou o convite de me orientar nesse trabalho.

Agradeço a minha namorada Fernanda Luz Costa que, mesmo à distância em terras piauienses, sempre me deu força concluir esse curso.

Agradeço, por fim, a todas e todos os meus colegas de caminhada na Licenciatura em Educação do Campo – UnB.

## **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso tem como proposta sistematizar a experiência da agitação e propaganda (agitprop) no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Distrito Federal e Entorno (MST-DFE), abordando seu histórico e também seu papel na construção de um projeto para o campo, a Reforma Agrária Popular. A metodologia do trabalho baseou-se na revisão bibliográfica e na pesquisa-ação, por meio do envolvimento direto do pesquisador nas dinâmicas analisadas, sobretudo nas brigadas de agitprop do MST-DFE e na realização das feiras da Reforma Agrária entendidas pelo movimento como estratégia de diálogo com a sociedade.

Palavras-chave: agitprop, reforma agrária, MST, Distrito Federal e Entorno.

## **ABSTRACT**

The aim of this work is to systematize the experience of agitation and propaganda (agitprop) in the Movement of Landless Rural Workers of the Federal District and Entorno (MST-DFE), addressing its history and also its role in the construction of a project for the countryside, the Popular Agrarian Reform. The methodology of the work was based on bibliographical review and action research, through the direct involvement of the researcher in the analyzed dynamics, especially in the agitprop brigades of the MST-DFE and in the realization of the Agrarian Reform fairs understood by the movement as a strategy of dialogue with society.

Keywords: agitprop, agrarian reform, MST, Federal District and Entorno.

*“Penso que todos os grupos verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o povo os utilize, à sua maneira e a seus fins. O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la”.*

Augusto Boal

## SUMÁRIO

Introdução .....	p.09
Capítulo 1 – Agitprop: conceito e história .....	p.11
Capítulo 2 - Histórico das experiências de agitprop no Distrito Federal e Entorno	p.16
Capítulo 3 – Papel do agitprop na Reforma Agrária Popular no MST-DFE .....	p.28
Considerações Finais .....	p.38
Referências Bibliográficas .....	p.41
Anexo I – Peça “A luta do camponês contra o agronegócio” .....	p.42



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende contribuir na sistematização da experiência de formação e consolidação da agitação e propaganda (agitprop) no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – Distrito Federal e Entorno (MST-DFE). Abordaremos o contexto de criação desta experiência, o histórico ao qual ela está vinculada, a sua proposta de trabalho e faremos uma síntese a partir de sua formação e atividades realizadas, apontando possibilidades posteriores de atuação, bem como seus limites e desafios.

O cerne de nosso trabalho enquanto sistematização histórica consiste no trabalho da Brigada de Agitprop Semeadores, existente no DF de 2003 a 2013, e sua relação com outros processos criados pelo MST como a Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré, as brigadas nacionais de agitação e propaganda e as formações nesse tema. Como desdobramento de processos anteriores, sobretudo a Brigada Semeadores, e a estratégia de diálogo com a sociedade encampada pelo MST a partir da proposta da Reforma Agrária Popular, surge a Brigada de Agitprop Fidel Castro, que teve sua formação e implementação incentivada pela realização como demanda política do MST-DFE no Circuito de Feiras e Mostras Culturais da Reforma Agrária do Distrito Federal e Entorno.

Na parte inicial do trabalho, apresentamos as referências teóricas de agitação e propaganda que nortearam as ações no MST-DFE. É importante destacar que, como um coletivo do MST, as brigadas de agitprop e seus processos de estudo e formação construíram-se a partir de elaborações teóricas e de um método de estudo e avaliação coletivo enquanto práxis formativa. Estas elaborações foram gradualmente sistematizadas de forma orgânica pelo movimento e constituíram nossa principal referência.

Também utilizamos como referência histórica, e em diálogo produtivo com as elaborações atuais, as contribuições sobre agitação e propaganda elaboradas no contexto da Revolução Russa, cujo legado é fundamental para todas e todos que almejam a transformação social, bem como as aproximações com a experiência brasileira.

Na parte seguinte do trabalho, apresentamos o histórico de ações ligadas ao agitprop no Distrito Federal e Entorno, com ênfase no processo da Brigada Semeadores, chegando ao contexto, ainda incipiente, de construção da Brigada de Agitprop Fidel Castro.

Como metodologia, a pesquisa utilizou a revisão bibliográfica e a pesquisa-ação, pois acompanhou um objeto em construção e com envolvimento direto do pesquisador no processo tanto de formação da brigada, como em suas atividades, e posterior avaliação e análise. Thiollent afirma que “a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” (1994, p. 14), exigindo o envolvimento dos participantes da situação ou do problema de modo cooperativo ou participativo, situação na qual nos inserimos.

Entendemos que com a pesquisa-ação damos um passo concreto na superação do limite das pesquisas convencionais ou estritamente acadêmicas, nas quais o levantamento de dados, hipóteses e relatórios muitas vezes encontram-se distantes de formas de intervenção social e política, como é o caso do nosso objeto de estudo. A expectativa com nosso trabalho, portanto, é desempenhar um papel ativo na realidade dos fatos observados e, além disso, contribuir na construção de espaços de intervenção que contribuam inclusive no desenvolvimento do objeto estudado, ou seja, na formação de novas brigadas de agitprop e na qualificação daquelas já existentes.

É importante lembrarmos que a pesquisa-ação não ocorre desassociada de técnicas de pesquisa planejadas, coerentes e adequadas ao estudo do objeto que, em nosso caso, são a pesquisa bibliográfica e a análise de documentos sobre agitação e propaganda e as experiências realizadas. Desta forma, a pesquisa-ação “trata-se de um método, ou de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível de captação de informação” (Thiollent, 1994, p. 25), fundamental ao desenvolvimento do processo de investigação de um objeto em movimento.

## CAPÍTULO 1 – AGITPROP: CONCEITO E HISTÓRIA

Nosso ponto de partida neste capítulo é a definição de agitação e propaganda, que segundo a sistematização proposta pelos coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude da Via Campesina na cartilha “Agitprop – Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social”, consiste em “um conjunto de métodos e formas que podem ser utilizados como tática de agitação, denúncia e fomento à indignação das classes populares e politização das massas em processos de transformação social” (2007, p. 10).

Esta definição está ligada a uma origem histórica revolucionária, que são os embates no processo russo prévio a 1917. Era um país com a maioria de sua população analfabeta no campo, dominada por um regime imperial com poder controlado nas mãos dos czares e sua aristocracia articulada com a igreja. Ao mesmo tempo, era (e é ainda hoje) a maior extensão territorial do mundo. A partir desse contexto, colocava-se o desafio de organizar os setores envolvidos nas frentes de batalha da revolução em curso: trabalhadores urbanos, camponeses e soldados. Surgem então as duplas de agitadores e propagandistas, criadas pelo Partido Bolchevique (VIA CAMPESINA, 2007).

Mas, afinal, qual a diferença entre agitação e propaganda e em qual sentido os termos devem ser utilizados? Lenin, na obra “Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento”, diferencia os termos a partir da definição de Plekhanov: “o propagandista divulga muitas ideias para uma só pessoa ou para um número pequeno de pessoas, enquanto o agitador divulga uma só ideia ou um pequeno número de ideias, mas em contrapartida, divulga-as para toda uma massa de pessoas.” (LENIN, 2015, p. 121).

Lenin segue no esforço de distinguir as duas tarefas, mesmo integradas, apontando a forma como um propagandista e um agitador tratam de uma mesma questão. Tomando como exemplo o desemprego, Lenin destaca que o propagandista “deve explicar a natureza capitalista das crises, assinalar a causa da inevitabilidade das mesmas na sociedade atual, indicar a necessidade de transformar a sociedade capitalista em socialista, etc.” (2015, p. 121). Dessa forma o propagandista oferece “muitas ideias, tantas, que todas essas ideias, no seu conjunto, poderão ser assimiladas no ato somente por um número (“relativamente”) reduzido de pessoas.” (idem).

Já o agitador, por sua vez ao trabalhar o mesmo tema do desemprego, escolherá segundo Lenin, um exemplo que seja bastante “conhecido do seu auditório (...) e aproveitando esse fato conhecido, dirigirá todos os esforços para divulgar para as “massas” *uma só ideia*: a ideia do absurdo da contradição entre o incremento da riqueza e o aumento da miséria.” (ibidem, p. 121-122). Com isso, agita o povo despertando “o descontentamento e a indignação contra essa flagrante injustiça, deixando ao propagandista o cuidado de dar uma explicação completa desta contradição.” (idem).

Nesse sentido, a pesquisadora e militante do MST Cássia Bechara aponta que, em síntese,

o propagandista leninista deve unir a parte ao todo, denunciando, a partir de um fato concreto, todas as injustiças do sistema capitalista, seu funcionamento e suas causas. Ele deve elevar-se da aparência à realidade, sem cair em explicações superficiais. Já o agitador deve partir de um ponto específico, o mais concreto e compreensível e, a partir desse ponto, produzir a denúncia e gerar a indignação. Ele não parte para a explicação do todo, mas se concentra nas causas e consequências desse ponto concreto e específico. (2008, p. 8)

A autora diz ainda que, para Lenin, a agitação se opõe à ideia de “catequizar, de convencer para a execução de uma ação pontual qualquer, como fato isolado de um processo. A ação deve ser o resultado, o complemento natural do processo de conhecimento, da elevação da consciência e da organização.” (2008, p. 10). Desta forma, o que entendemos como agitação e propaganda deve estar ligado ao todo do processo de luta, envolvida no conjunto das atividades políticas, econômicas e de elaboração intelectual, não devendo ser, jamais, um ato isolado de apenas um conjunto de militantes.

Retomando o processo revolucionário da Rússia, o trabalho com o agitprop em um país analfabeto e rural teve importante papel na vitória da insurreição de outubro de 1917 e, posteriormente, na luta eficaz contra as forças contrarrevolucionárias que mantinham sob permanente tensão os primeiros anos da Revolução Russa. As informações sobre a vitória e os rumos da revolução tinham que ser difundidas, o que naquele contexto era tarefa principal dos grupos de agitprop.

Para isto, “grupos de soldados do exército vermelho, de estudantes e de artistas se empenharam na invenção, desenvolvimento ou aprimoramento de uma série de

técnicas de agitprop, fazendo uso das mais diversas linguagens” (VIA CAMPESINA, 2007, p. 11), como cinema, teatro, música, jornais impressos, discursos de oradores políticos (retórica), artes visuais em experiências emblemáticas como o trem de agitprop, onde cada vagão levava uma forma distinta de agitação e propaganda.

Iná Camargo Costa (2015) complementa a passagem acima, afirmando que o repertório formal do agitprop, especialmente do teatro de agitprop, na Revolução Russa era amplo e contemplava formas como o teatro jornal, com leitura de textos por atores e até encenação de seções completas de uma determinada edição; peças de agitação, curtas e centradas em um único tópico; peças dialéticas, com objetivo didático no sentido da formação política, ao trabalhar situações, seus condicionantes e contradições; peças alegóricas, que partem da origem medieval e popular de que qualquer conceito ou instituição podem tornar-se personagens; montagem literária, criados a partir de colagens de textos de qualquer tipo e encenadas em vários formatos; melodrama revolucionário, com uso da fórmula herói/heroína versus vilão/vilã para trabalhar temas como a guerra civil e o apoio ao Exército Vermelho.

Como síntese desse processo soviético de agitação e propaganda, Silvana Garcia fala que o teatro de agitprop

abre a produção de linguagens expressivas à participação de setores da população que, até então, raramente ultrapassavam os limites da plateia (e isso quando conseguiam chegar até aí). Apoiado sobre a base do autoativismo, do teatro feito espontaneamente por grupos organizados nas entidades e clubes operários, não é de todo inviável a hipótese de que, passado o momento crítico da Revolução, o [teatro de] agitprop pudesse desembocar na configuração de um complexo cultural novo, compatível com o socialismo. Entretanto, o próprio Estado acabou por cercear o desenvolvimento deste processo artístico-cultural, tão prenhe de desdobramentos interessantes (apud STEDILE e VILLAS BÔAS, 2015, p. 35).

Stedile e Villas Bôas (2015) comentam que, em comparação com o desenvolvimento do trabalho com agitprop soviético – desenvolvido em três fases: participação de grupos de intelectuais, artistas e estudantes com setores da classe trabalhadora; depois apropriação do agitprop por estes trabalhadores; por fim, esmagamento dos grupos pelo stalinismo – no Brasil não tivemos a fase de apropriação

do agitprop pelas classes populares em um primeiro momento, sendo esta apropriação realizada atualmente pelo MST.

Os autores comentam que o MST retoma as experiências de agitação e propaganda após o golpe de 1964 em um sentido próximo ao desenvolvido pelo MCP e o CPC da UNE, que constituem um “primeiro capítulo brasileiro”. Construído por estas duas organizações, este momento inicial do agitprop no Brasil articula campo e cidade ao juntar artistas, intelectuais e estudantes com movimentos camponeses e com as lutas urbanas. Obras teatrais como *Mutirão em Novo Sol* e cinematográficas como *Cabra Marcado para Morrer* são testemunhos desse processo em articulação e construção de uma nova cultura, que criava um incômodo para as elites nacionais tanto que o ataque à movimentos como as Ligas Camponesas foi uma providência imediata tomada pela ditadura.

Outra consequência do golpe civil-militar de 1964 foi o apagamento dessa experiência de agitprop brasileira, que vem acompanhada da desarticulação entre campo e cidade, especialmente destes setores ligados à arte e a cultura. Porém, era uma experiência muito rica como mostram Stedile e Villas Bôas:

A experiência de agitação e propaganda desses dois movimentos, que amadurecia a passos largos, compreendia a publicação de jornais, revistas, livros de poesia e música, a gravação de discos, a organização de festivais e de debates (Berlinck, 1984). Ambos os movimentos operaram mudanças radicais na organização da produção cultural brasileira no que toca os temas, a pesquisa de formas, a incorporação do processo de construção coletiva de obras, a apresentação gratuita em comunidades rurais e bairros de periferia urbana, a realização de oficinas de formação cultural em consonância com a formação política, que naquela conjuntura não andavam dissociadas (Costa, 1996). (STEDILE; VILLAS BÔAS, 2015, p. 38)

Na prática, de 1964 em diante, se rompeu um processo transformador na área da cultura para dar início a uma outra lógica, a de domínio dos meios de produção da cultura pela elite e frações da pequena burguesia. A maior expressão disso foi a criação de um sistema nacional de televisão centralizado na Rede Globo, cujo objetivo era “respaldar esteticamente o projeto de modernização conservadora do país, por meio da imposição da imagem de desenvolvimento, progresso e integração da nação, com a qual

os militares e a elite nacional pretendiam justificar seu predomínio brutal no poder” (STEDILE; VILLAS BÔAS, 2015, p. 39).

Com a redemocratização no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, ocorre um processo de crítica e autocrítica da geração anterior da esquerda, que leva ao repensar da própria agitação e propaganda no Brasil. Nessa época, os movimentos e partidos se deparam com uma série de impasses com o fim da experiência soviética e do Leste Europeu, o avanço do neoliberalismo, as derrotas em países como Nicarágua e El Salvador, etc. Para Stedile e Villas Bôas, “a autocrítica necessária, muitas vezes, converteu-se em cooptação e abandono das armas da crítica teórica e orgânica. Conceitos como “hegemonia” eram profanados ou distorcidos para justificar alianças com setores não progressistas” (2015, p. 38) e a lógica do mercado entrava nos programas político-partidários com bastante força.

Nesse contexto de conflitos e impasses, o agitprop passa a ser entendido como uma tarefa menor, que não necessitava de formação política, bastando destacar militantes (jovens na sua maioria) para demandas como a panfletagem, por exemplo. Essa forma de atuação dissociava a teoria e a prática, alienando os militantes envolvidos da totalidade da experiência política. Enquanto a cultura e a arte passam a ser entendidas como mercadoria, ou pelo preconceito de serem “coisas de rico”, os partidos de esquerda dominantes fizeram a opção pelo marketing político, desprezando o potencial do agitprop como trabalho de base e processo de conscientização da classe trabalhadora.

Em 2003, coube ao MST retomar de maneira sistemática a concepção de agitação e propaganda, passando pela preparação à Marcha de 2005 por um processo de amadurecimento que envolveu a formação da Brigada de Teatro Patativa do Assaré com Augusto Boal e as brigadas nos estados, que trataremos no próximo capítulo com o exemplo da Brigada Semeadores.

## **CAPÍTULO 2 – HISTÓRICO DAS EXPERIÊNCIAS DE AGITPROP NO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO**

A concepção de agitprop apresentada no final do capítulo anterior como forma mercantilizada por setores da esquerda brasileira não contaminou o MST. Desde seu princípio, o movimento já possuía práticas políticas de agitação e propaganda como, por exemplo, as marchas, bandeiras, ocupações, hino e músicas próprias, palavras de ordem, e até mesmo o Jornal Sem Terra, surgido antes da própria fundação do MST.

Além deste conjunto de práticas, Stedile e Villas Bôas destacam que “da mesma maneira, muito do que se convencionou chamar de propaganda vinha sendo realizado através de cursos e estudos, enquanto agitação sempre foi parte da prática política do movimento.” (2015, p. 41).

É em 2003 que o MST passa a fazer uma reflexão sobre o papel da agitação e propaganda de maneira mais profunda, com o debate da hegemonia/contra-hegemonia e a percepção do avanço do agronegócio. “Percebia-se que os veículos de comunicação da organização eram insuficientes para dar conta da “batalha das ideias”. E, para isso, apontava-se a necessidade de recuperar as experiências do conceito de agitprop.

Essas discussões tiveram impacto no MST DF e entorno, que foi um dos primeiros estados em que o movimento está organizado, a debater essa questão. Era um período em que o MST procura Augusto Boal e o Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (CTO) para fazer um processo de formação de atores em teatro político e teatro do oprimido.

Essa parceria acontece após a criação do Coletivo de Cultura do MST e teve como objetivo formar um grupo de militantes com as técnicas do Teatro do Oprimido. A partir desse trabalho com Boal e o CTO, o Coletivo Nacional de Cultura do MST cria a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré. Após um período inicial em 2001 e 2002 focado no Teatro Fórum, forma teatral desenvolvida por Augusto Boal, o coletivo deparou-se com a necessidade de ampliar seus estudos para outras formas teatrais que permitissem o trabalho com diferentes temas e assuntos.

Para isso, foi fundamental a contribuição da professora Iná Camargo Costa e seus estudos sobre o teatro épico, sobre formas e teoria dos gêneros no ano de 2004.



Nesse tempo entre formações, os militantes pertencentes a Brigada Nacional se espalham pelos 23 estados onde o MST está organizado, criando grupos de teatro. É como fruto desse processo que nasce a Brigada Semeadores (CULTURA, 2007).

A Brigada de Agitação e Propaganda Semeadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra (MST) do Distrito federal e Entorno, portanto, é herdeira do legado histórico das experiências revolucionárias de teatro desenvolvidas pelo coletivo do Teatro de Arena, de São Paulo, durante a década de 1960, dirigidas por Augusto Boal, dos Centros Populares de Cultura (CPC) e do Movimento de Cultura Popular (MCP). Esses grupos e movimentos tiveram uma atuação fundamental no movimento teatral revolucionário da década de 1960 e foram interrompidos pelo golpe de 1964, como apontamos no primeiro capítulo.

Não existe uma data e um dia exato de criação da Brigada Semeadores, mas sim um processo constante de prática teatral e militante até o ano de 2013. São três os trabalhos que dão o pontapé na formação da brigada: a mística de conquista da terra do acampamento Gabriela Monteiro (2004), a peça “Trapulha” (2004) e a peça “Como fazendeiro sofre” (2004).

A mística de conquista da terra foi encenada no ato político no dia da mudança do acampamento Gabriela Monteiro da beira da rodovia DF-240 para dentro da terra de implementação do assentamento. Sua elaboração se deu com os militantes do acampamento, e boa parte dos integrantes da brigada pertenciam ao acampamento. Nessa área de implementação do assentamento existia um galpão que servia de garagem para tratores e armazém de agrotóxicos, nesse processo o galpão passa a ser espaço de ensaio das peças e reuniões, espaço físico esse que mais tarde virou um Centro de Formação e Ponto de Cultura apoiado pelo Ministério da Cultura (MINC) em 2005 (FERNANDES, 2013).

A pesquisadora e militante Adriana Fernandes, em trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Educação do Campo (UnB) sobre a Brigada Semeadores, aponta que para os integrantes do grupo aquela mística teve impacto na consolidação da brigada, conforme o depoimento colhido pela autora com o integrante Agostinho Reis:

“Percebemos a força da ação interventiva cênica, a partir do trabalho com a primeira mística, logo o grupo que participara da mística teve a “grande sacada”, que podíamos “usar e abusar” o quanto quiséssemos

da arte e que a linguagem teatral era uma forma estratégica de luta, assim poderíamos utilizar o teatro para expressar e dizer o que estávamos vivendo e querendo dizer, já que não havia um espaço para questionar o que achávamos que estava errado”. (FERNANDES, 2013, p. 32)

De acordo com Fernandes, o processo de construção da mística foi uma produção coletiva, o que veio a ser o início de um modo de produção que a brigada assumiu com formação, discussão coletiva de planejamento da intervenção, ação da intervenção e avaliação. Naquele momento, foi coordenado por militantes do Coletivo de Cultura juntamente com os acampados, com o objetivo de apresentar e problematizar os “elementos da forma organizativa do movimento, a trajetória e os passos que foram percorridos: as ocupações, representação da repressão policial, os despejos e a resistência das famílias que contribuíram” (FERNANDES, 2013, p. 44).

Utilizando uma das técnicas do teatro político que é o teatro procissão, a mística saiu do FASSINCRA (clube dos funcionários e associados do INCRA, localizado na região do INCRA-7, Brazlândia, a 4km da área de assentamento), local onde estava o acampamento Gabriela Monteiro antes da conquista da terra. Houve em todo o trajeto partes da mística ligados às vivências na luta pela terra, como, por exemplo, a lembrança de tiros disparados pelos jagunços e as desocupações.

Outra questão importante era a reflexão que a mística trazia sobre situações de preconceito e discriminação que os oprimidos vivenciavam, como aponta Adriana Fernandes (2013), por terem entrado no MST. Como esse preconceito vinha, frequentemente, de familiares, a mística tinha como objetivo também possibilitar a eles uma visão crítica dessas opiniões contrárias à luta pela terra e à Reforma Agrária, como vemos abaixo em trecho da própria mística:

*“As atrizes e os atores que estão misturados com o público começam a fazer perguntas para o militante, e ele as responde. Seguem exemplos de perguntas:*

- Eu quero saber se vou ter que pagar pela terra?
- Eu, como negro, serei discriminado dentro do movimento como eu sou discriminado na sociedade brasileira?
- Eu, que sou mãe solteira, tenho cinco filhos pra criar, e pra isso preciso me prostituir, vou ser discriminada pelo movimento se eu quiser acampar pra conquistar um pedaço de terra pra mim e pros meus filhos?

– Mas eu só escuto falar mal desse tal de Movimento dos Sem Terra! Os jornais só falam que vocês são um bando de vagabundos, baderneiros. Como é que eu vou acreditar em vocês?  
A intenção das perguntas é explicitar os possíveis preconceitos ou dúvidas que as pessoas tenham em relação ao MST. O militante da Frente de Massa deve responder a todas elas, inclusive aquelas que alguém do público possa fazer na hora.” (FERNANDES, 2013, p. 45)”

Naquela época em 2004, o grupo *O avesso da máscara*, de Teatro do Oprimido, formado por estudantes de diversos cursos da Universidade de Brasília, promoveu uma oficina de teatro épico, convidando para ministrar a oficina o grupo paulista Teatro de Narradores, e entre os militantes do movimento dos estados do Distrito Federal e do Mato Grosso do Sul convidados estavam dois acampados do Gabriela Monteiro. Na oficina o grupo trabalhou com a peça *O círculo de giz caucasiano*, de Bertolt Brecht, e conheceu procedimentos de encenação do teatro épico. Em seguida, e influenciados por esse processo, o grupo inicia a construção da peça Trapulha.

A peça Trapulha foi a primeira peça construída pela brigada, a partir do acúmulo organizativo da mística de conquista da terra. Trata-se de uma fábula sobre as relações de poder vivenciadas dentro do acampamento, com uma leitura crítica das relações entre dirigentes e acampados. Inicialmente, a peça foi construída a partir do trabalho teatral com ensaios e discussão entre integrantes da brigada, tomando como ponto de partida conversas com o casal de acampados Agostinho e Neudair.

A forma utilizada foi a comédia, entendida como estímulo ao debate da situação que os acampados estavam passando, e o teatro épico que permitia o estabelecimento de conexões entre os problemas pontuais e locais com conflitos mais amplos. Rafael Villas Bôas, em depoimento à Adriana Fernandes, reflete que

“Naquele momento no acampamento havia muita arbitrariedade, por parte da dupla que coordenava o acampamento, o que amedrontava as pessoas. Chegamos a pensar que era incerto se com o tempo conseguiríamos ou não realizar as oficinas de teatro, pela falta de posicionamento das pessoas e uma cultura política nada coletiva. Mas depois da primeira mística da conquista da terra, foi o teatro que permitiu que falássemos de coisas que com as circunstâncias não podíamos falar, ao publicitar e colocar em forma de comédia outras pessoas puderam falar do que estava acontecendo, isso foi uma atitude

de muita coragem do grupo sobretudo daqueles que moravam no acampamento.” (FERNANDES, 2013, p. 47)

Em Trapulha, a forma teatral utilizada pelo grupo assimilava a ironia e a comédia como meios de desmascarar os antagonistas internos à comunidade. Então, foi criado o personagem Rei Traquinos Trapos e outros personagens em torno dele. O uso da forma irônica servia como proteção aos agitadores, algo como

uma máscara de sobrevivência, quem assistiu muitos comentaram que era apenas teatro, mas a força da intervenção teatral de uma agitprop já se fazia presente na mística. A forma foi simples os atores se sentiram muito a vontade na intervenção, pois apenas precisava ser eles mesmos, expressar a força do sentimento da conquista que era totalmente real, essa relação direta com a realidade é uma característica do Teatro Político e da agitprop. Em detrimento dos inimigos de classe que acabou por contribuir para fazer deles não mais personagens no sentido tradicional, e sim “máscaras sociais”. Esta arte do grotesco, fundada no exagero e com muito sarcasmo, não implica subestimar as capacidades de luta do inimigo. Muitas vezes, pelo contrário, o grotesco e o cômico aparece como uma vitória momentânea sobre o medo, a superação da insegurança no processo cede a segurança gerada pelo sentimento fortalecido pela conquista. (FERNANDES, 2013, p. 48-49)

Como outra elaboração marcante deste primeiro período, em dezembro de 2004, a Semeadores criou a peça Como o fazendeiro sofre! Era uma peça de teatro épico, elaborada a partir de adaptação da peça Exploração do Trabalho, da Brigada Estadual de Cultura Filhos da Terra, do MST/MS. A proposta consistia em deixar claro o cinismo dos argumentos de legitimidade social dos latifundiários brasileiros, por meio de uma estrutura que permitia a indagação de um ponto de vista contrário à determinadas premissas da narrativa conservadora sobre a história oficial brasileira e, especificamente, da questão agrária e da questão racial.

Para isso, a brigada estruturou a peça entorno dos seguintes personagens: fazendeiro, capataz, Zumbi, negros escravizados e mensageiro. Entre vários elementos a serem destacados, era notório o cinismo do fazendeiro, como vemos no trecho abaixo em que o personagem se dirige aos trabalhadores e ao público:

Não é querendo ser ruim não, mas dar uma olhadinha nos trabalhadores de vez em quando é ótimo. É, hoje o serviço está rendendo. Vale até a pena almoçar.

*Coloca na mesa uma tigelinha com comida.*

Dois minutos para o almoço!

*Os trabalhadores comem apressados.*

Chega! Chega! Vamos trabalhar! Desse jeito vocês não pagam a janta!

*Trabalhadores voltam ao serviço. Fazendeiro ao público.*

Ai... Como fazendeiro sofre, ainda mais quando é bom! Mas fazer o quê?! É de natureza, afinal precisamos dos nossos empregados para sobreviver, não é verdade? (CULTURA, 2007, p. 37).

Em linhas gerais, podemos afirmar que a brigada se consolida com militantes problematizando criticamente a sua realidade e sua própria militância. Todas e todos estavam inseridos nas instâncias formativas e organizativas do MST, pois a tarefa tinha vinculação à estratégia política da organização e era comprometida com a formação. Cultivavam a prática de trabalho coletivo em todas as áreas, como produção de textos, peças, figurinos, adereços e bonecos, e se organizavam em equipes como articulação política, finanças e assessoria de imprensa.

Ainda como grupo de Teatro Político já começavam na época a perceber o potencial de intervenção da linguagem teatral na organização, formação social e mudanças de posições nos atores e no público. Esse já era o momento em que o MST retomava a discussão sobre Agitação e Propaganda.

Dessa forma, será nesse contexto que o grupo de teatro se transforma em uma Brigada de Agitprop para uma atuação mais ampla e estratégica na luta de classes. Para contribuir nesse processo foi necessária uma formação que retomava experiências passadas, que foram interrompidas pelo golpe de 1964, retornar a Augusto Boal, ao MCP e CPC, o que fazia compreender o trabalho de Agitação e Propaganda era para além da panfletagem, que é o que a esquerda brasileira tem assumido após o fim da Ditadura Militar, como vimos no capítulo anterior.

Nesse sentido, um aspecto central que deu base na ampliação do caráter de grupo de Teatro Político para uma Brigada de Agitação e Propaganda foram os trabalhos de Agitprop realizados no DF e em Goiás na véspera da Marcha Nacional pela Reforma Agrária e por Justiça Social (2005).

Stedile e Villas Bôas destacam que a marcha de 2005 funcionou como um salto de qualidade na discussão de agitprop no Movimento Sem Terra:

Diante da necessidade de divulgar a marcha nas áreas metropolitanas de médio e grande porte por onde ela passaria, a finalidade de massificar a recepção nas cidades, a tática de agitação e propaganda foi definida como metodologia adequada para o cumprimento da tarefa. Para isso, militantes de diversos estados foram deslocados para a periferia urbana de Goiânia, Anápolis e Distrito Federal com a responsabilidade de estabelecerem contato com as comunidades, escolas, igrejas etc.; divulgando as reivindicações da marcha e convidando a população das mencionadas cidades a participarem dos atos programados em Goiânia, Anápolis, Taguatinga e Brasília. (2015, p. 43)

Além dessas articulações construídas pelos grupos de militantes em áreas de passagem da marcha, houve a apresentação das peças "A luta do camponês contra o agronegócio", que será analisada no próximo capítulo, e "A bundade do patrão". Esta última peça utilizava a forma de agitação e propaganda, sendo construída coletivamente pelo Coletivo Peça pro Povo, do MST/RS, em janeiro de 2005. A peça discutia, por meio da comédia política, a modernização das táticas de cooptação da classe empresarial contra a classe trabalhadora, e a crise de atuação do sindicalismo urbano (CULTURA, 2007). A apresentação da peça contou com a participação de três grupos de estados diferentes – Coletivo Peça pro Povo (RS), Brigada Estadual Filhos da Mãe Terra (MS) e Brigada de Agitprop Semeadores (DF) – contando com um público de mais de dez mil pessoas.

Outro momento simbólico foi o processo coletivo de construção de um teatro procissão com 270 atores militantes, com o tema "A história do Brasil pelo ponto de vista do camponês", apresentada no gramado do Congresso Nacional, em 17 de maio de 2005 - data da chegada da marcha em Brasília.

Como consequência desse acúmulo organizativo da marcha, o movimento percebe a necessidade de avançar na formação política e técnica da agitação e propaganda. Nessa época predominavam duas ideias no interior do movimento que justificavam a falta de processos formativos:

1ª) a ideia que as pessoas já têm formação empírica, por meio de suas experiências de vida. Isso não sustenta o debate e a postura exigida pela agitprop, e dá uma falsa sensação de segurança aos militantes, que pode, por sua vez, por todo o trabalho de agitprop a perder.

2ª) a compreensão que as pessoas não ganham experiência com o trabalho: essa prática de espontaneísmo é estéril, porque se não houver metodologia pensada não há meios dos militantes acumularem experiência e qualificarem a ação, pois se a ação é alienada pela divisão de trabalho, há um processo de repetição automatizante da tarefa. (STEDILE; VILLAS BÔAS, 2015, p. 43-44)

A Semeadores, portanto, entra em um processo de formação mais amplo pensado no conjunto do MST. Esse processo de formação que a Brigada assumiu vai desde o momento do estudo sobre determinado tema para a construção coletiva das místicas, peças e intervenções, passa a contar com seminários, oficinas, cursos de formação política na área da cultura e cursos formais.

Nesse processo de formação é interessante trazer presente um curso realizado no Pré-Assentamento Gabriela Monteiro. Aquele galpão que antes servia de garagem para máquinas agrícolas e armazém para Agrotóxicos virara um Ponto de Cultura apoiado pelo Ministério da Cultura (MINC). As atividades a serem realizadas ali eram oficinas de formação cultural, essas simples oficinas se transformaram em um curso.

Tratava-se do curso chamado Arte, Comunicação, Cultura e Agitação e Propaganda na Formação, planejado em um seminário de cultura do MST acontecido na Escola Nacional Florestan Fernandes em julho de 2005, encontro esse que foi fundamental na reflexão de legados históricos para a formação de militantes agitadores e que teve sua contribuição na construção desse curso.

O curso foi dividido em cinco etapas, sendo adotada a metodologia da Pedagogia da Alternância baseada em Paulo Freire, que é o mesmo método pedagógico adotado

pelo Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA). Foram estruturadas as atividades do curso em cinco etapas, sendo cada etapa foi dividida entre Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC). No Tempo Escola os participantes estavam no Ponto de Cultura, onde pela manhã aconteciam leituras e debates teóricos e pela tarde oficinas nas áreas de teatro, música, artes plásticas e comunicação. Já no Tempo comunidade regressavam ao seus assentamentos e acampamentos para colocar na prática o que aprenderam no Tempo Escola.

Esse curso foi de grande valia para o acúmulo teórico e prático com produções culturais construídas coletivamente pelos militantes participantes, tendo como resultado (não final e sim em construção) todo um acúmulo de intervenção política e cultural que a Brigada Semeadores tem adquirido nesses anos de trabalho. É de fundamental importância ressaltar que boa parte dos integrantes da Brigada Semeadores integrou a equipe de Coordenação Política e Pedagógica (CPP) desse curso, a participação desses militantes em outros processos de formação na (ENFF) e no (ITERRA) foram importante para contribuição na (CPP) desse curso, isso por conhecerem a prática do método pedagógico de formação do MST.

Aos poucos, a Brigada Semeadores produziu nos anos seguintes um repertório de peças de autoria coletiva da brigada, sendo destacadas as peças/intervenções:

- **Contraponto (2005):** peça de agitação e propaganda, com procedimentos de teatro épico, que visa estabelecer uma crítica da construção ao padrão hegemônico de representação estética da realidade, mostrando as condicionantes históricas do conflito agrário brasileiro, e a ação de resistência e enfrentamento das pessoas que optaram pela condição de engajamento ao se inserirem no MST e o preconceito disseminado contra os movimentos sociais de massa pela grande imprensa brasileira.

- **Boicotar a ordem! (janeiro de 2006):** intervenção de agitprop construída para ser utilizada diante do aumento arbitrário do preço da passagem dos transportes coletivos no DF.

- **Intervenção de agitprop Eldorado dos Carajás (março de 2006):** intervenção de agitprop construída em oficina ministrada pela Brigada Semeadores em etapa do curso estadual de formação em cultura, comunicação e agitação e propaganda,



com o intuito de explicitar, por meio da ironia, a dinâmica da violência que estrutura o latifúndio brasileiro, em conluio com o poder judiciário.

- **Roteiro para mística do ato de solidariedade à Cuba (09/11/2006):** intervenção realizada na UnB em parceria com outras organizações e entidades de esquerda, como forma de pressão política para libertação dos cinco militantes cubanos presos injustamente nos EUA.

- **Intervenção de agitprop Cabo de guerra da esquerda contra a direita (2006):** intervenção montada durante o 2º turno da eleição presidencial de 2005, como parte da tática de mobilização do MST contra o risco de vitória eleitoral da direita, com Geraldo Alckmin. A peça utiliza o recurso clássico de agitprop, da luta e box, para estabelecer uma comparação entre os feitos dos oito anos de governo de Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, e os feitos do quatro anos do governo Lula, em algumas áreas estratégicas, como investimento em programas sociais, dívida com Fundo Monetário Internacional, atuação da Polícia Federal em crimes por corrupção, etc.

- **Mística/intervenção de agitprop da na sessão solene em homenagem ao dia de luta pela Reforma Agrária, na Câmara Legislativa do DF (2007):** estrutura de intervenção que mescla ação de teatro invisível com trechos de outras intervenções já elaboradas pela Brigada.

- **Jogos de agitação e propaganda - Pega a terra:** intervenções de agitprop criadas por meio de adaptações de jogos infantis, para serem jogadas na rua por integrantes da brigada e por pessoas que estiverem passando pelo local em que a intervenção ocorrer.

- **Projeto América Latina:** pesquisa sobre a luta de classes na América Latina, por momentos históricos decisivos, que nos permitam a visão de conjunto do processo de dominação em suas distintas fases (colonialista, imperialista, neoliberal, etc.). A pesquisa ocorreu por meio de um processo cumulativo de intervenções que se desenvolveram ao longo de dois anos, até 2009, período de homenagem e comemoração aos 50 anos da Revolução Cubana. A fase 1 da pesquisa tem como tema a reflexão sobre os 40 anos da morte de Che Guevara, que inclui o desdobramento dos processos revolucionários na América Latina, e a análise do processo de transformação da imagem de Che Guevara em mercadoria.

- **Intervenção no Ato do Trabalho Escravo:** movimento em apoio pela Aprovação da PEC 438 e Erradicação do Trabalho Escravo no Congresso Nacional. O objetivo foi de realizar uma ação de teatro invisível no espaço da mística de abertura do ato, para pautar a relação entre trabalho escravo e agronegócio, e criticar a ação da bancada ruralista, de protelar as votações de interesse da reforma agrária.

- **Mutirão em Novo Sol:** escrita em 1961 a partir do caso real de uma revolta de lavradores ocorrida anos antes em Santa Fé do Sul, interior de São Paulo, a peça é uma das obras fundamentais mais importantes do teatro brasileiro moderno e pouco conhecido. Sua importância se dá, principalmente, por ela ter inaugurado uma sequência de espetáculos de temática camponesa produzidos antes do golpe de 1964, influenciando outras artes como o cinema, e por suas encenações marcadas pela sofisticação e experimentalismos inéditos no teatro épico brasileiro. A peça foi apresentada pela Brigada Semeadores em conjunto com o Coletivo Terra em Cena da UnB Planaltina no Encontro Unitário dos Trabalhadores, Trabalhadoras e Povos do Campo, das Águas e das Florestas em 2012.

Podemos observar neste repertório a variedade de temas e técnicas que a Brigada tem trabalhado durante seus anos de atuação. Essa variedade de temas é decorrente do contexto de luta em que o MST está inserido, sendo temas que servem para debates em cursos de formação, encontros e nas lutas conjunturais.

Já as técnicas são baseadas em teatro político, intervenções de Agitprop tanto em grandes públicos nas ruas e mobilizações, quanto a serem apresentadas em espaços fechados como auditórios, o teatro épico tem sua valia em espaços internos de formação do MST, Sindicatos e escolas que preparam para o debate, e as místicas que estão presente em todos os espaços.

Como vimos com a experiência da marcha de 2005, o MST faz um bom uso de suas atividades nacionais, em que toda sua militância está mobilizada, para a realização de processos de formação e fortalecimento de seus processos organizativos internos. Trata-se de momentos em que a militância se reúne e trabalha coletivamente, trocando e compartilhando as experiências de cada estado, além de colocar em prática a acumulação adquirida nos cursos de formação e treinamentos.

Nesse sentido, a realização do VI Congresso Nacional do MST em 2014 possibilitou a criação de uma brigada nacional de agitprop: a Brigada Carlos Marighella, que posteriormente reuniu-se mais duas vezes no Distrito Federal. Conforme material interno de formação, os objetivos da brigada iam além das atividades do evento em que foi criada, e sim propunham:

- criar instrumentos organizativos (brigadas de agitprop) capazes de atuar em cenários de preparação de lutas (...) por meio da formação política, e treinamento de táticas e métodos de ação;
- fortalecer por meio das brigadas a articulação do MST com movimentos urbanos, por meio de ações conjuntas, processos de formação, treinamento, avaliações de conjuntura;
- retomar processo de formação de militantes agitadores, com método para estudo e análise da realidade, e apreensão de diversas técnicas e formas de ação direta. De modo que esse processo tenha consequência sob a forma de reprodução das brigadas para as regionais dos estados e para outras capitais. (MST, 2016, p. 4)

Como consequência direta dos processos formativos das brigadas nacionais, juntamente com a experiência acumulada anteriormente na Brigada Semeadores, o MST DF e Entorno assume o desafio de construir uma nova brigada de agitação e propaganda para o trabalho na região. Inicialmente, esta brigada se inseriu dentro de uma estratégia de diálogo com a sociedade ligada à proposta da Reforma Agrária Popular elaborada pelo MST a partir de 2014, que no Distrito Federal e Entorno se consolidou na proposta das Feiras da Reforma Agrária. Veremos essa experiência no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO 3 – PAPEL DO AGITPROP NA REFORMA AGRÁRIA POPULAR NO MST-DFE**

Para entendermos o papel da agitação e propaganda e sua relação com a Reforma Agrária Popular, é importante inicialmente pensarmos sobre as características da questão agrária no DF. Luiz Henrique Gomes de Moura destaca que “a ausência de um processo mínimo de reforma agrária no Distrito Federal contrasta com o histórico de ocupações urbanas irregulares, em sua maioria realizadas pela classe trabalhadora de baixa renda.” (2010, p. 60)

Junto a esses dois elementos – a ausência da reforma agrária e as ocupações urbanas irregulares – Moura aponta que a questão agrária no DF é bastante simplificada em muitas análises por ter ocorrido uma retomada das terras pela União na época da construção da capital. Como vemos no parágrafo abaixo, a situação é bem mais complexa:

A ocupação agrária do Distrito Federal foi inicialmente estruturada na criação de Núcleos Rurais, ocupados por unidades produtivas médias e pequenas (MACIEL, 2006). Ao longo das décadas, no entanto, a política organizada pelo governo local estimulou as grandes explorações, transformando a realidade agrária do Distrito Federal. Estimularam-se a criação de colônias agrícolas e agrovilas, normalmente minifúndios que tinham como principal função fornecer força de trabalho barata para as novas grande-explorações. (MOURA, 2010, p. 60)

A ausência da reforma agrária no DF não está ligada a sua pouca importância, pelo contrário. Dois aspectos são fundamentais para pensarmos a necessidade de medidas para a distribuição da terra: sua estrutura concentrada e o alto número de trabalhadores rurais sem terra. Entretanto, Moura (2010) aponta que a reforma agrária é um tema ignorado pelos planos políticos dos governos locais, apesar da presença forte dos movimentos sociais agrários como o MST.

Apesar de existirem alguns assentamentos de reforma agrária na área do DF, todos são anteriores ao século XXI. Mesmo diante desta perversa realidade, movimentos sociais agrários possuem representações no DF, sendo que a maioria atua também nas cidades circunvizinhas ao Distrito Federal. Podem-se mencionar os movimentos nacionais MST e FETRAF (Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar), além do movimento de abrangência regional

– o Movimento de Apoio aos Trabalhadores Rurais (MATR).  
(MOURA, 2010, p. 61)

O MST<sup>1</sup> se organizou no Distrito Federal e Entorno a partir do ano de 1994, atendendo a uma definição do conjunto do movimento de nacionalizar a luta pela terra e por transformação social. Era muito importante para o movimento possuir uma base social organizada na capital federal, especialmente pelas condições injustas da realidade agrária no DF como vimos acima, com a presença de muitas famílias sem terra que vieram sobretudo do nordeste brasileiro, expulsos de suas terras pela ditadura civil-militar nos anos 1960 e 1970 e que entendiam a vinda para Brasília como oportunidade de renda e trabalho.

Uma questão fundamental também para o MST se organizar na região do DF era a força que significava uma base social acampada e assentada próxima ao centro do poder, que acumulava força como potencial de permanente mobilização e pressão necessária para avançar a reforma agrária.

Surgido então no Distrito Federal, o movimento passa a ocupar territórios no entorno do DF, na região da RIDE/DF<sup>2</sup>. Então, passam a existir as regionais do MST: DF, Nordeste Goiano (Formosa, Flores de Goiás, Simolândia, Alvorada, Alto Paraíso, Água Fria e São João da Aliança), Noroeste Mineiro (Buritis, Arinos, Unaí e Uruana) e Entorno Sul (Luziânia, Cidade Ocidental, Valparaíso, Padre Bernardo e Águas Lindas). Em todas essas regionais houve avanços do movimento com a conquista de assentamentos e com a presença do MST na luta política das cidades.

Quando o MST se organiza na região não existia uma superintendência do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para atender o DF. Essa instituição é criada após um processo de lutas do movimento, dando origem à SR-28 (Superintendência Regional do INCRA nº 28).

---

<sup>1</sup> A história do MST no Distrito Federal e Entorno encontra melhor desenvolvida na tese de doutorado de Marco Antonio Baratto, defendida em 2017.

<sup>2</sup> A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno é uma região integrada de desenvolvimento econômico, constituída pelo Distrito Federal, alguns municípios de Goiás e de Minas Gerais. Ocupa uma região de 55.434,99 quilômetros quadrados, sendo pouco menor que a Croácia e sua população é de aproximadamente 4 milhões de habitantes (tem o tamanho aproximado do estado da PB). Apenas 2 municípios separam a RIDE de ser a primeira englobando área de mais da metade das regiões do país (o município do extremo oeste mineiro e do extremo sudoeste nordestino). (Wikipedia)

Retomando as características da questão agrária no DF, um ponto fundamental para entendermos a realidade rural da região é a questão da grilagem. As terras disponíveis para reforma agrária no DF, em sua maioria, são terras públicas da União que foram desapropriadas no processo de criação da capital federal. Por serem públicas, deveriam ser mais facilmente disponibilizadas para a criação de assentamentos, atendendo ao grande contingente de famílias sem terra.

Porém muitas dessas terras públicas no DF foram griladas<sup>3</sup>, impedindo sua desapropriação e o cumprimento de sua função social. As grandes ocupações do MST, em reação a esse processo das grilagens, têm sido em terras griladas, pois o movimento entende que é prioridade retomar as terras públicas para seu uso em benefício de toda a sociedade. Como exemplo, temos Planaltina e Brazlândia enquanto polos em que o MST está forte no Distrito Federal, tendo seus territórios conquistados com a recuperação de terras griladas. Os assentamentos Gabriela Monteiro em Brazlândia, local de início da Brigada Semeadores e berço do agitprop no DF, e Oziel Alves III em Planaltina são símbolos dessas conquistas de recuperação de terra grilada.

Outro tema fundamental para entendermos a singularidade da luta pela terra no DF é a questão da especulação imobiliária. Valéria Bertolini (2015) aponta que, desde a implementação da capital acontecem conflitos na relação entre áreas urbanas e rurais, seja com a seleção pouco justa dos arrendatários rurais, ou com o uso das terras de forma alheia ao cultivo agrícola, muito por conta do bom acesso à infraestrutura de estradas e energia. Mas, recentemente, a especulação imobiliária tem sido um dos principais problemas:

o aumento do preço da terra nas proximidades dos núcleos urbanos, propiciando a especulação imobiliária, e a desapropriação inconclusa, que causou conflitos no processo fundiário. A ocupação segregada no Distrito Federal garantiu a existência de vazios urbanos com um potencial valor agregado. Com a desapropriação inconclusa das áreas rurais, houve uma pressão para a ocupação desses vazios, num processo de especulação imobiliária. (BERTOLINI, 2015, p. 19)

---

<sup>3</sup> “É a ocupação irregular de terras, a partir de fraude e falsificação de títulos de propriedade. O termo tem origem no antigo artifício de se colocar documentos novos em uma caixa com grilos, fazendo com que os papéis ficassem amarelados (em função dos dejetos dos insetos) e roídos, conferindo-lhes, assim, aspecto mais antigo, semelhante a um documento original. A grilagem é um dos mais poderosos instrumentos de domínio e concentração fundiária no meio rural brasileiro.” Fonte: <<http://www.incra.gov.br/oquegrilagem>>. Acesso em 17 de dezembro de 2016.

Entendendo uma série de desafios do tempo presente, entre eles os citados acima, o MST em seu último congresso no ano de 2014 defendeu a proposta da Reforma Agrária Popular, construída em um amplo processo de debate com sua base social tomando como centro a realidade dos assentamentos e acampamentos e a conjuntura nacional no campo e na cidade.

Trata-se de um novo programa agrário do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que defende “um novo projeto de reforma agrária, que seja popular. Não basta ser uma reforma agrária clássica, que apenas divida a propriedade da terra e integre os camponeses como fornecedores de matérias-primas e alimentos para a sociedade urbano-industrial” (apud BORGES; NUNES, 2016, p. 8).

Então, essa nova proposta de reforma agrária deve integrar relações amplas entre o ser humano e a natureza. Para Borges e Nunes (2016), a Reforma Agrária Popular deve envolver “diferentes processos que representam a reapropriação social da natureza, como negação da apropriação privada da natureza realizada pelos capitalistas. Implica em um novo modelo de produção e desenvolvimento tecnológico” (p. 7), fundamentado numa relação de coprodução homem e natureza, em uma diversificação produtiva que revigore e promova a biodiversidade e na compreensão política do convívio social e do aproveitamento consciente da natureza.

Desta forma, a concepção e a luta pela Reforma Agrária Popular aponta novos desafios:

a) A reforma agrária popular deve resolver os problemas concretos de toda população que vive no campo; b) a reforma agrária tem como base a democratização da terra, mas busca produzir alimentos saudáveis para toda a população, objetivo que o modelo do capital não consegue alcançar; c) o acúmulo de forças para esse tipo de reforma agrária depende agora de uma aliança consolidada dos camponeses com todos os trabalhadores urbanos. Sozinhos os sem-terra não conseguirão a reforma agrária popular. d) ela representa um acúmulo de forças para os camponeses e toda a classe trabalhadora na construção de uma nova sociedade. (MST, 2014, P. 34)

Nesse sentido, a Reforma Agrária Popular assume um caráter de “provocar e dar condições de debate para uma nova forma de organização da estrutura no campo, a partir da produção de alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, reinserindo entre os seus sujeitos as mulheres, negras e negros e os GLBTs” (GOMES, 2016, p. 44), setores sociais que compõem a base social das organizações no campo. Adriana Gomes, em seu

trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em Educação do Campo (UnB), ressalta ainda que:

Além disso, fortalece os acampamentos e assentamentos como territórios de resistência política, cultural, ambiental e ideológica, por meio da formação política e formação de base, que contribui incisivamente na produção, na saúde, na cultura, na educação, na comunicação, na formação e em todos os setores organizativos do movimento, para conquistar a tomada dos meios de produção, contrapondo a estrutura vigente do capitalismo, e, transversalmente na construção de uma matriz de produção agroecológica voltada para o mercado interno e a realização de uma profunda Reforma Agrária que democratize a propriedade da terra, por fim, no embate contra o modelo do agronegócio. (2016, p. 44-45)

Como parte importante dessa estratégia de diálogo com a sociedade surgida no contexto da Reforma Agrária Popular, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST do Distrito Federal e entorno decide realizar o Circuito de Feiras e Mostras Culturais da Reforma Agrária do Distrito Federal e entorno nos anos de 2016 e 2017. As Feiras da Reforma Agrária que o MST têm realizado no último período assumem-se como um instrumento de Agitação e Propaganda para o diálogo com a sociedade.

Planejadas para criar vínculos com os trabalhadores urbanos, abrindo canais de diálogo e propagandeando a Reforma Agrária Popular, as feiras assumem a tarefa colocada no programa agrário de fornecer alimentos saudáveis a preços acessíveis para o público urbano. A eliminação dos atravessadores no processo de comercialização viabiliza a feira da reforma agrária como local de consumo familiar, o que contribui para a ampliação da rede de apoio do movimento na cidade e também como trabalho de base para o fortalecimento dos territórios.

Desse modo, as feiras também se constituem um espaço de luta, resistência e pressão política desses movimentos, que visam envolver toda a sociedade na luta pela reforma agrária. A luta pela reforma agrária defendida pelo Movimento Sem Terra se insere na luta contra o modelo do capital, tanto no campo, a partir das disputas por terra, controle das sementes, da tecnologia, da biodiversidade, dos bens da natureza, quanto na cidade, a partir da luta por mudanças estruturais que atendam os interesses e necessidades do povo brasileiro. Assim, as feiras se constituem instrumentos para apresentar à cidade o projeto de sociedade que os movimentos sociais defendem, baseado numa sociedade justa, igualitária, em que não haja opressores e oprimidos. Outro desafio colocado pelas feiras é o de levar para a cidade as dimensões da vida no campo. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelos assentados e acampados de reforma agrária e todo o



papel da mídia de massas em criminalizar esses movimentos sociais, as feiras permitem que a sociedade faça sua própria leitura sobre a produção camponesa e os pilares da reforma agrária popular, como educação, cultura, lazer e saúde. (BORGES; NUNES, 2016, p. 10-11)

Na prática, as feiras do movimento chegam em uma cidade como Formosa (abril de 2017) ou Planaltina (dezembro de 2016) e ocupam a praça deste local, instalando uma estrutura para comercialização de produtos agroecológicos dos acampamentos e assentamentos das famílias organizadas no MST DF e Entorno, em uma dinâmica de relação com a sociedade que colocamos nos parágrafos anteriores.

Um dos elementos centrais relacionados com a agitação e propaganda é a presença de um palco na praça para apresentações musicais, dividindo os dias por temas-chave para discussão de cultura do MST: viola caipira, cultura popular e hip-hop. Os artistas selecionados para estas apresentações culturais têm uma concepção política próxima ao movimento e assumem uma perspectiva de arte engajada, trazendo também elementos da agitprop em seu trabalho artístico.

Também na praça em que ocorre a feira, o movimento monta um cine-clube para a exibição de filmes que discutam e aprofundem questões importantes como combate aos agrotóxicos, feminismo e luta pela terra, desafios da classe trabalhadora na luta de classes, etc. com uso de filmes produzidos pelo próprio movimento ou por seus apoiadores e parceiros.

Nas feiras também ocorrem seminários de estudos, que são dedicados a debater temas conjunturais e temas entendidos como importantes para o processo de conscientização da classe trabalhadora, como, por exemplo, Juventude, Comunicação e Cultura Popular; Feminismo e o papel da mulher na sociedade; Educação do Campo e a perda de direitos dos trabalhadores, entre outros. O público desses seminários têm sido os trabalhadores das cidades em que ocorreram as feiras, estudantes e a própria base social do MST participante da feira.

Com a proposta de cumprir o objetivo do Circuito de Feiras e Mostras Culturais da Reforma Agrária no que toca à agitação e propaganda como estratégia de diálogo com a sociedade, o movimento decide criar no Distrito Federal e Entorno uma brigada de agitprop. Nesse momento entra a possibilidade de retomar o processo de experiência

da Brigada Semeadores de Agitprop do MST DF e entorno que viveu nos anos de 2003 a 2013. O que fica de acúmulo nesse momento é que essa retomada não deve ser apenas para o momento de execução do Circuito, pois o maior acúmulo de uma Brigada de Agitprop é sua força política para a retomada do tema na agenda política do MST DF e entorno.

Portanto, nesse desafio, o movimento cria a Brigada de Agitprop Fidel Castro no final de 2016. Esse nome surge como homenagem ao comandante da Revolução Cubana, Fidel Castro, falecido na época da primeira formação da brigada. As/os brigadistas entenderam como necessária a homenagem em razão da referência que Fidel Castro construiu para todas e todos aqueles que lutam pela transformação social e também a importância de Cuba na própria agitação e propaganda.

O primeiro trabalho da brigada foi a realização de uma formação política e técnica com os militantes que foram fazer parte do coletivo. Esse momento é fundamental porque garante um dos princípios organizativos do MST que é o estudo. Também era imprescindível recuperar o legado da Brigada Semeadores por meio da formação política, ou seja, nesse caso entra a questão da práxis.

Inicialmente, a brigada teve momentos de formação política em conjunto e, posteriormente, dividiu-se em dois grupos. Os momentos em conjunto tocaram nos temas do histórico da agitação e propaganda, Reforma Agrária Popular, Comunicação Popular, e Feminismo. A metodologia desses espaços consistia em aulas expositivas em plenária conduzidas por assessores do movimento ou próximos a ele, que visavam promover uma dinâmica de debate e reflexão conjunta com os/as brigadistas sobre os temas. E pela noite trabalhamos com debates, rodas de conversas e exposições de filmes/vídeos.

O segundo momento na formação foi a divisão da turma em dois grupos: Comunicação e Teatro. O trabalho com a comunicação teve enfoque técnico, estético e político com apoio da Mídia Ninja, abordando formas de construir narrativas que pudessem representar a feira de maneira adequada ao contexto discutido pelo MST nas linguagens da fotografia, do texto e das redes sociais.

O trabalho com o teatro teve primeiramente uma formação no Teatro do Oprimido, no qual utilizamos a referência dos jogos para atores e não-atores de Augusto

Boal como introdução didática ao teatro para os membros da brigada, todos/as iniciantes nesta linguagem. O passo seguinte consistiu na entrada no Teatro de Agitprop, central para a brigada em formação. Trabalhamos jogos de montagem e simulações de encenação de rua para públicos grandes. Por fim, remontamos a peça da Semeadores chamada “A luta do camponês X Agronegócio”.

A ideia de remontar a peça, para além do reconhecimento do histórico da Brigada Semeadores, teve como objetivo reacender o debate sobre temas centrais que a peça aborda de forma didática e cômica: o discurso do agronegócio utilizado por seus porta-vozes e assimilado como verdadeiro pela mídia empresarial, o combate aos agrotóxicos, a luta dos camponeses pela reforma agrária, etc.

Rafael Villas Bôas ressalta que

A luta de box, que estabelece um confronto de posições de classe antagônicas, sob a forma cômica de um enfrentamento físico, foi incorporada pelo agitprop brasileiro pelos grupos que integravam a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, que adaptaram a estrutura para a representação didática do confronto entre dois modos de produção: agronegócio X reforma agrária e agricultura camponesa. (2016, s/n)

Embora fosse uma peça já bem conhecida por aqueles que coordenavam o processo – que tinham sido membros da Brigada Semeadores – a montagem consistiu em um processo árduo de trabalho. É importante entender a diferença entre a montagem de uma peça após uma série de estudos e exercícios que proporcionam acumulação coletiva de uma nova forma de trabalhar o corpo, o domínio da palavra nas falas e nos coros, e um processo mais rápido como o vivenciado pela Brigada Fidel Castro, composta na maioria por um grupo de jovens iniciantes na linguagem teatral.

A questão dos coros presentes na peça mostrou essa dificuldade de uma forma concreta, por conta da timidez dos jovens, a dificuldade de sincronia entre as vozes e a própria técnica do trabalho vocal. Para superar essas dificuldades com os coros, foi necessário um tempo longo dedicado especificamente ao arranjo dos coros, entendendo eles como central na própria estrutura de uma peça de agitprop.

A primeira apresentação da peça ocorreu no Encontro de Amigos do MST, que reuniu no Albergue da Juventude em Brasília um público de aproximadamente trezentas

pessoas entre parlamentares, professores universitários, militantes de movimentos sociais do campo e da cidade, estudantes, etc. A peça gerou bastante interesse no público presente à atividade e uma avaliação positiva, embora o coletivo tenha detectado dificuldades decorrentes de ser, para muitos, sua primeira apresentação teatral: inibição, timidez, dificuldade com os coros. Dentre os pontos positivos estava a apresentação da Brigada Fidel Castro como parte de uma estratégia do movimento de reconhecimento da agitação e propaganda como fundamental e da recuperação do legado da Brigada Semeadores.

Já na segunda apresentação, realizada dois dias após a primeira na área externa da Câmara Legislativa no DF, após um debate sobre a reforma agrária e a luta pela terra. Estavam presentes como público os funcionários e os terceirizados da câmara, parlamentares e acampados e assentados do movimento que tinham ido à atividade. Nessa apresentação foi possível reconhecer a melhora dos coros e na própria dinâmica entre os personagens em cena e em sua relação com o público. A brigada se beneficiou do tempo entre as duas apresentações para fazer uma avaliação da peça e corrigir detalhes significativos da montagem e do trabalho com os personagens.

Além da peça, a brigada assumiu a tarefa da panfletagem de divulgação da feira em Planaltina, buscando locais de grande circulação como a rodoviária da cidade, comércio local e em casas de moradores dos bairros de periferia. O entendimento de panfletagem debatido e realizado pela brigada era de construir uma forma de diálogo por meio desta atividade, aproveitando a entrega dos materiais para conversar informalmente com a população da cidade. Desta forma, existia a intencionalidade de romper com uma prática mecanizada na entrega dos panfletos e sim entender esse momento como mais uma oportunidade de diálogo popular.

A realização da mística de inauguração da feira em Planaltina consistiu na última atividade da brigada. A forma da agitação e propaganda consistiu na base dessa mística, trazendo presente vários elementos do processo formativo.

O começo da mística se deu com os integrantes espalhados entre o público presente na feira, localizado na frente do palco. Os/as brigadistas tomam a palavra ao mesmo tempo, andando ao redor do público e indagando as pessoas presentes com as seguintes questões: “você sabia que come veneno?”, “você sabia que consome mais de cinco litros de veneno por ano?”, “você sabia que seu alimento está envenenado?”

Os integrantes da mística, aos poucos, saem do meio do público e se dirigem à frente do palco, fazendo uma roda com as mãos dadas e saem para o canto direito do palco. Lá pegam chapéus de palha e bandeiras do movimento, retornando à cena com uma nova simbologia, a de uma ocupação de terra com o apoio de uma palavra de ordem: “ocupar, resistir e produzir”. Do lado oposto do palco, saem em direção ao centro da cena um grupo de policiais que simbolizam as forças repressivas. Estes personagens batem com cassetetes em escudos, como referência da tropa de choque.

Os sem terra recuam três passos e voltam com a palavra de ordem em direção aos policiais, que recuam três passos. Esse jogo de avanço e recuo dos dois lados ocorre algumas vezes em sincronia, até a derrota dos policiais, simbolizando a conquista da terra. A encenação termina com a entrada do cantor popular Zé Pinto, assentado da reforma agrária, com a música “Assim já ninguém chora mais”, junto com os integrantes que representavam os sem terra na mística, que agora balançam as bandeiras do movimento no palco. No momento final, Zé Pinto canta outra música com o tema da agroecologia, que serve de mote à entrada de uma série de produtos da reforma agrária trazidos pelos brigadistas e outros militantes do movimento.

Esta experiência recente da Brigada Fidel Castro, entendida como uma continuidade de outras experiências anteriores, traz uma série de questões políticas e da própria agitação e propaganda, suas razões e sua intencionalidade, que abordaremos de forma sintética nas considerações finais do trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos nossas considerações finais do trabalho com uma constatação de ordem política: o Movimento Sem Terra do Distrito Federal e Entorno entendeu a agitação e propaganda como um elemento imprescindível para a realização das feiras da reforma agrária. Isso significa dizer que, se as feiras são consideradas a principal forma de diálogo com a sociedade, elas só ocorrem em conjunto com a agitação e propaganda. Tal fato demonstra que hoje o agitprop é assumido como algo central no MST, ou seja, possui uma lógica totalmente distinta dos limites de outras organizações políticas, apontadas no primeiro capítulo.

Como o agitprop é uma tarefa central, necessita de uma intencionalidade e um cuidado com a formação, que deve ser planejada e estruturada. Nesse sentido, essa maneira de estruturar a formação não se restringe apenas ao estudo teórico, pois se estende também para as intervenções práticas e os aspectos técnicos de diferentes demandas e atividades.

A cada intervenção surgem novas possibilidades, a cada trabalho apresentado é feita uma avaliação em conjunto com as referências teóricas. Não se separa a teoria da prática, assim internalizando a práxis nesse processo. Além da teoria e prática revolucionária teatral, cada integrante da brigada participa organicamente de diferentes setores do movimento e assumem uma tarefa em determinadas instâncias da vida orgânica do MST, bem como a participação nas marchas, ocupações e em diversas formas de luta do Movimento.

Esse conjunto de atividades presentes no cotidiano da vida da Brigada e no dia a dia de seus militantes proporciona uma constante prática nas possibilidades de intervenções políticas e contribui para um método de formação de agitadores, atores e militantes políticos.

É perceptível o avanço na formação política dos integrantes da Brigada, a prática de estudo, pesquisa e implementação das intervenções ao longo desses anos de trabalho coletivo no MST DF e Entorno teve um papel fundamental nesse processo. Como anos de trabalho coletivo, no caso, devemos entender todo um percurso desde a

Brigada Semeadores, as brigadas nacionais, os cursos de formação em agitprop, até chegar à Brigada Fidel Castro, ainda recente.

As questões-chaves que fazem conexão nesse caminho de avanço na formação política são o estudo, pesquisa, construção coletiva e a prática militante. Por terem essas questões-chave na formação, a Brigada cumpre a risca uma decisão política definida coletivamente, que é do estudo. Os militantes sempre estão fazendo os cursos organizados pelo MST, uns no Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) no Rio Grande do Sul, outros, em cursos e seminários de formação política organizados pela Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) e nas Universidades.

Outro ponto que deve ser destacado nessas considerações finais é a recuperação de experiências como uma necessidade da agitação e propaganda. Tanto experiências de processos revolucionários devem ser recuperadas, como também experiências de períodos recentes de nosso próprio movimento. Nesse sentido, uma reflexão que podemos fazer nestas considerações finais é o paralelo que vivenciamos entre a proposta do agit-trem da Revolução Russa e as Feiras da Reforma Agrária no DF.

Na Rússia, os trens de agitação e propaganda rodavam nas comunidades e pequenas cidades promovendo atividades em que cada vagão assumia uma determinada linguagem como, por exemplo, literatura, teatro, música, cinema, retórica (discursos políticos), etc. Nas feiras tiramos como definição política do MST sua realização nas periferias, levando as diferentes linguagens da agitação e propaganda para um espaço comum.

Dessa forma, estruturamos um espaço coletivo na praça das cidades de caráter transitório, como era o caráter do trem russo, e dividido em vários espaços e momentos com diferentes intervenções culturais, mas todas com a mesma intencionalidade. Assumimos como foco em nossa intervenção o povo da periferia e necessidade de um trabalho de base para sua formação da consciência, tomando o agitprop como central nesse processo e como uma prática cotidiana.

No âmbito da recuperação das referências internas ao MST, existe no caso do DF e Entorno uma centralidade da referência da Brigada Semeadores, que proporcionou uma pesquisa de linguagens, um método de formação e um repertório de intervenções.

Porém, devemos ressaltar também uma ligação com o trabalho com Comunicação Popular, desenvolvido pelo MST desde a Turma de Comunicação Popular Vladimir Lenin no ITERRA e com outras propostas como o Cinema na Terra.

Merece ser ressaltado, no caso da Brigada Fidel Castro, que seu processo de formação ocorreu durante a ocupação da Faculdade UnB Planaltina pelos seus estudantes no final de 2016 em luta contra a PEC do teto dos gastos públicos proposta pelo governo ilegítimo de Michel Temer. A presença da brigada naquele espaço foi importante como forma de propaganda do MST para os ocupantes e a brigada também se inseriu de forma orgânica na vida da ocupação, em divisão de tarefas, em formações conjuntas, etc.

Devemos pensar também que o trabalho do agitprop no MST DF e Entorno, embora tenha muitas potencialidades, apresenta limites a serem superados como a dificuldade de comunicar o debate do agitprop para a base acampada e assentada, ficando um debate muitas vezes entendido apenas pelos militantes e dirigentes.

Outras duas questões-chaves para a consolidação do agitprop são a necessidade de um trabalho de caráter mais permanente com a nova brigada construída a partir das feiras, a exemplo do que ocorria com a Semeadores. Entendemos que só será possível construir um domínio de formas e um repertório tendo um trabalho constante. Uma segunda questão é que tipo de trabalho deverá ser feito? Será um trabalho em eventos pontuais ou atendendo demandas de conjunturas específicas ou terá que ser associado a uma estratégia de intervenção territorial e trabalho de base?

Nesse sentido, entendendo os desafios e os limites do agitprop no DF e também no Brasil, é importante ressaltar que temos um longo caminho a percorrer na perspectiva de um processo de transformação social em nosso país. Em uma conjuntura de retrocessos democráticos e perda de direitos, se faz presente nos dias atuais a demanda cada vez maior pela agitação e propaganda. É importante que possamos resistir e ampliar nossas formas de intervenção, estendendo o acúmulo do MST para outras organizações e consolidando-o internamente.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Cássia. **Agitação e Propaganda Leninista: Teoria e Ação Política.** Monografia do curso de Comunicação e Cultura, turma Victor Jara. Escola Nacional Florestan Fernandes – MST, Guararema, 2008.

BERTOLINI, Valéria Andrade. **Para onde vai o rural no DF? - Análise de processos sócio espaciais ocorridos nas áreas rurais do Distrito Federal - de 1960 à 2000.** Tese de doutorado, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG/FAU), Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

COSTA, Iná Camargo. O repertório formal do agitprop. In: ROCHA, Eliene et al (Orgs.). **Teatro político, formação e organização social: avanços, limites e desafios da experiência dos anos de 1980 ao tempo presente.** São Paulo: Outras Expressões, 2015.

CULTURA, Coletivo Nacional de. **Teatro e Transformação Social.** São Paulo: Centro de Formação e Pesquisa Contestado, 2007.

FERNANDES, Adriana. **Semeadores 2003 a 2013: análise do processo de lutas e formação por meio do trabalho com a linguagem teatral.** Monografia de conclusão de curso, Licenciatura em Educação do Campo, Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

GOMES, Adriana. **Vídeo Popular: contra-hegemonia, formação política e Reforma Agrária.** Monografia de conclusão de curso, Licenciatura em Educação do Campo, Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

LENIN, Vladimir I. **Que fazer: problemas candentes de nosso movimento.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MOURA, Luiz H. Gomes de. **Questão Agrária e Hegemonia: o Pré-Assentamento como Campo de Batalha entre a Alienação e a Emancipação.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

STEDILE, Miguel; VILLAS BÔAS, Rafael. Agitação e propaganda no MST. In: ESTEVAM, Douglas; COSTA, Iná Camargo; VILLAS BÔAS, Rafael. **Agitprop: cultura política.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1994.

VIA CAMPESINA, Coletivos de Comunicação, Cultura e Juventude. **Agitação e Propaganda no Processo de Transformação Social.** Mimeo, 2007.

## **ANEXO I – PEÇA “A LUTA DO CAMPONÊS CONTRA O AGRONEGÓCIO”**

Construção coletiva a partir de experimentos realizados com elencos no Acampamento Nacional da Via Campesina (Brasília – 10/2003), com a turma do curso técnico de agropecuária e desenvolvimento sustentável, na Escola Agrícola Estadual Juvêncio Martins (Unai – 12/2004), com o Coletivo de Teatro do MST/RS Peça pro povo (Viamão – 01/2005), com a Brigada Nacional de Teatro do MST Patativa do Assaré, em parceria com o CTO (RJ – 02/2005) e com o elenco de teatro da II Oficina de Cultura da Região Centro-Oeste (03/2005).

### **Personagens:**

Camponês  
Grande fazendeiro  
Juiz – Grande imprensa  
Coro do MST  
Coro do agronegócio  
Policial 1  
Policial 2

### **PRÓLOGO**

#### **JUIZ** (*dizendo seu texto em gromelô*)

Venham, venham, venham todos! Vamos se aproximando minha gente! Vai começar a luta do ano! A luta mais esperada! Vamos se aproximar! Pode chegar perto que não paga nada! Deste lado do ringue temos um lutador espetacular, a quem muito devemos agradecer e nos orgulhar, o Grande Fazendeiro! Aplausos para ele!

#### **CORO DO AGRONEGÓCIO**

Terra, Terra  
Nós queremos terra! (2X)  
Acumular, acumular, acumular, acumulaaaar  
Monopolizar,  
Pra poder melhor lucrar (2X)

#### **JUIZ** (*mudando o tom de voz, ainda em gromelô*)

E deste outro lado temos o desafiante, um lutador desconhecido, o Camponês.

#### **CORO DO MST**

MST! Essa luta é pra valer! (3X)

#### **JUIZ**

*Ao público* Essa luta vai ser fichinha! Façam suas apostas! Vamos começar o massacre, quero dizer, a luta. Se aproximem os dois lutadores.

*O coro do agronegócio chama o juiz no canto do ringue e lhe dá dinheiro para suborná-lo. Ele disfarça muito mal e aceita.*

Quero que a luta seja limpa, sem nenhum golpe baixo!

*Pega a mão do Grande Fazendeiro e atinge o saco do Camponês. Congelam após o golpe. O juiz fica com o braço levantado. Entra uma moça com o cartaz “1º assalto: a Cooptação”. Quando a moça sai o juiz abaixa o braço sinalizando o começo da luta.*

### **1º ASSALTO - A COOPTAÇÃO**

*Os dois se movimentam estudando os passos um do outro. De repente, o Grande Fazendeiro chama o Camponês para uma conversa, que se passa em gromelô e oferece dinheiro para ele. O camponês olha para o dinheiro e desdenha da quantidade, se afasta.*

*O Grande Fazendeiro pega mais dinheiro com sua torcida e faz nova tentativa, e mais uma vez o camponês acha pouco e sai de perto do inimigo. O Grande Fazendeiro pega uma grande quantidade de dinheiro com sua torcida, e dessa vez o Camponês fica espantado com a proposta, ele olha para sua torcida, que o desautoriza a aceitar o dinheiro, e fica visivelmente dividido, mas acaba acatando a voz da maioria. Na quarta vez o Grande Fazendeiro volta com uma quantidade ainda maior de dinheiro, e o Camponês ao ver o volume da proposta passa a ignorar os apelos de sua torcida. Sem olhar para ela começa a pensar alto – em gromelô – olhando para o público e fazendo gestos indicando que seus filhos passam fome, mostrando sua magreza, etc. Faz um movimento mostrando que vai aceitar.*

*Quando ele se vira para comunicar a decisão ao Grande Fazendeiro, que estava já preparando um soco em câmara lenta, leva um murro.*

*Toca o sino, indicando o fim do primeiro assalto.*

### **JUIZ (em gromelô)**

*Fim do primeiro assalto! Com vitória para nosso grande lutador!*

*Uma atriz sai do coro e desfila até o Grande Fazendeiro, carregando uma seringa gigante, onde está escrito “Randap”. O juiz chama a atenção para ela, que aplica a seringa no Grande Fazendeiro, como se fosse um anabolizante.*

*Durante o intervalo o glorioso Grande Fazendeiro se fortalece com Randap, o agrotóxico dos grandes fazendeiros! Vamos direto para o segundo assalto, sem descanso, pra não perdermos tempo, pois o nosso negócio é assaltar o camponês.*

*A cena fica congelada e entra a moça com o cartaz “2º Assalto: a verdade”.*

### **2º ASSALTO - A VERDADE**

#### **CORO DO AGRONEGÓCIO**

*O Agronegócio é o responsável por 30% das exportações brasileiras.*

*O Grande Fazendeiro acerta um golpe.*

#### **CORO DO MST**

*Monocultura! O Camponês acerta um golpe. Desemprego! O Camponês acerta outro golpe. Depredação da natureza: mais um golpe são as conseqüências do agronegócio. Último golpe.*

#### **CORO DO AGRONEGÓCIO**

*Mas que ousadia! O agronegócio é o responsável pelo progresso do país. E, além disso, é um grande empregador!*

*Ao final da frase os atores do coro ofertam nova quantidade de dinheiro como suborno ao juiz, e ele aceita. Enquanto o coro diz a frase, o Grande Fazendeiro arma um soco, em câmera lenta.*

### **CORO DO MST**

*Mentira! O Camponês se esquiva e contra-ataca com um soco. As pequenas unidades são responsáveis por 87% da mão-de-obra do campo.*

*A cada alimento o Camponês acerta um soco no Grande Fazendeiro. À medida que os alimentos são mencionados, uma imagem gigante de cada – com o dado percentual – é erguida sobre os lutadores, sustentada por um membro do coro do MST, por meio de uma haste de madeira.*

*Por mais de 70% da produção de tomate, feijão, leite. Por mais de 80% da produção de aves, suínos, banana. Mais de 90% da produção de uva, mandioca. Quer mais?!*

### **GRANDE FAZENDEIRO**(em gromelô)

*Não! Pára! Pára! Não agüento mais! Desmaia.*

*O Grande Fazendeiro é sustentado por membros de sua torcida. O juiz chama os lutadores até o centro do ringue, segura as mãos dos dois e faz o gesto de que vai anunciar o vencedor. Congelam. Entra a moça com o cartaz “Veredicto: a mentira”.*

### **VEREDICTO - A MENTIRA**

#### **JUIZ** (em gromelô)

*Tenho o orgulho de declarar como vencedor dessa grande batalha, o nosso querido Grande Fazendeiro!*

*O Juiz segura o Grande Fazendeiro, que continua desmaiado. O Camponês protesta. Ele discute com o juiz, ambos em gromelô. Num determinado momento, quando o juiz já está irritado por ser acusado de ladrão, ele levanta a mão para protestar, o sinal é a deixa para o coro de sua torcida.*

### **CORO DO AGRONEGÓCIO**

*Isso prova que Reforma Agrária é caso de justiça!*

*Barulho de sirene. Entram dois policiais. Olham para o Camponês e depois para o juiz, que autoriza, com um gesto, os policiais a prenderem o Camponês. Eles o colocam em posição de baculejo, o agridem com chutes e socos, e depois o carregam para o fundo da cena, com o Camponês gritando e esperneando.*

*Os dois coros se juntam em meia lua. Quando os policiais e o Camponês voltam, agradecem e puxam gritos de ordem.*

### **PRIMEIRO PUXADOR**

*Reforma Agrária quando?*

### **CORO**

*Já!*

### **PRIMEIRO PUXADOR**

*Quando?*

### **CORO**

*Já!*

### **SEGUNDO PUXADOR**

*Enquanto o latifúndio quer guerra.*

**CORO**

Nós queremos terra! (3X)

**TERCEIRO PUXADOR**

Reforma Agrária!

**CORO**

Por um Brasil sem latifúndio! (3X)